

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO

ANDREW JUMPER

Eron Franciulli Coutinho Júnior

**O SERMÃO EXPOSITIVO CULTURALMENTE CONTEXTUALIZADO:
PRINCÍPIOS DE COSMOVISÃO PARA A CONTEXTUALIZAÇÃO DO
EVANGELHO NO EXERCÍCIO DA PREGAÇÃO BÍBLICA**

São Paulo

2022

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO

ANDREW JUMPER

Eron Franciulli Coutinho Júnior

**O SERMÃO EXPOSITIVO CULTURALMENTE CONTEXTUALIZADO:
PRINCÍPIOS DE COSMOVISÃO PARA A CONTEXTUALIZAÇÃO DO
EVANGELHO NO EXERCÍCIO DA PREGAÇÃO BÍBLICA**

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título *Magister Divinitatis, MDiv*, na área de Estudos Pastorais. Orientador. Rev. Dr. Dario de Araujo Cardoso.

São Paulo

2022

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Mackenzie com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

J095s Junior, Eron Franciulli Coutinho.

O sermão expositivo culturalmente contextualizado: [recurso eletrônico] princípios de cosmovisão para a contextualização do evangelho no exercício da pregação bíblica / Eron Franciulli Coutinho Junior.

432 KB;

Monografia (Magister Divinitatis) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Dario Cardoso.

Referências Bibliográficas: f. 41-43.

1. Contextualização. 2. Sermão Expositivo. 3. Pregação Bíblica. 4. Cosmovisão Cristã. 5. Evangelho. I. Cardoso, Dario, orientador(a). II. Título.

Bibliotecário(a) Responsável: Eliezer Lírio Dos Santos - CRB 8/6779

Eron Franciulli Coutinho Júnior

**O SERMÃO EXPOSITIVO CULTURALMENTE CONTEXTUALIZADO:
PRINCÍPIOS DE COSMOVISÃO PARA A CONTEXTUALIZAÇÃO DO
EVANGELHO NO EXERCÍCIO DA PREGAÇÃO BÍBLICA**

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título *Magister Divinitatis, MDiv*, na área de Estudos Pastorais. Orientador. Rev. Dr. Dario de Araujo Cardoso.

Aprovação: 06/12/2022

Orientador Prof. Rev. Dr. Dario de Araujo Cardoso

Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: **Eron Franciulli Coutinho Júnior**

Programa: MDiv – Magister Divinitatis

Título do Trabalho: O sermão expositivo culturalmente contextualizado: princípios de cosmovisão para a contextualização do evangelho no exercício da pregação bíblica.

O presente trabalho foi realizado com o apoio de:

- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Integral das Mensalidades
- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Parcial das Mensalidades

*À minha esposa, Amélia,
E ao meu filho, Tito.
Amo vocês.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço e louvo ao Senhor, que tem sustentado minha vida com a sua graça. Tudo é dele, por meio dele e para ele.

Agradeço à minha família, Amélia e Tito, pelo suporte, incentivo e compreensão nesse período de estudos. De fato, eles são instrumento de Deus na minha vida e clara demonstração de sua bondade para comigo.

Agradeço aos meus familiares que sempre se preocupam em me socorrer em minhas necessidades, demonstrando assim amor fraternal.

Agradeço à Igreja Presbiteriana do Campo Belo – SP, onde fui incentivado a buscar conhecimento e usá-lo no pastoreio do povo de Deus.

Agradeço ao Rev. Valdeci Santos, pelos anos de amizade, mentoria e pastoreio, sempre cuidando integralmente de mim e de minha família no tempo em que estivemos em São Paulo.

Agradeço ainda à Igreja Presbiteriana do Guará – DF, essa nova família que o Senhor me deu em Brasília, que me recebeu com imenso carinho.

Agradeço aos professores e aos colegas do CPAJ. A piedade e a dedicação de vocês de fato me impactaram nesses anos de jornada acadêmica.

Ao Senhor toda honra e toda a glória.

RESUMO

A contextualização do evangelho na pregação bíblica costuma ser assunto polêmico. O número de proposições sobre formas de realizá-la acaba sendo proporcional ao número de culturas e sociedades existentes no mundo. No entanto, e se houvesse maneira mais objetiva de abordar o assunto? Essa é a finalidade desse trabalho: observar princípios da cosmovisão cristã a fim de tornar a contextualização do evangelho na pregação um exercício menos relativo às particularidades das culturas existentes e mais relativo à verdade absoluta de Deus.

Palavras-chave: contextualização; sermão expositivo; cosmovisão cristã; evangelho; culturas e sociedades.

ABSTRACT

Contextualizing the gospel in biblical preaching is often a controversial subject. The number of propositions on approach methods is proportional to the number of cultures and societies in the world. However, what if there was a more objective way to approach the subject? This is the purpose of this work: to offer principles of the christian worldview in order to make the contextualization of the gospel in preaching an exercise less related to existing cultures and more related to the absolute truth of God.

Keywords: contextualization; expositional sermon; christian worldview; gospel; cultures and societies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. O SERMÃO EXPOSITIVO.....	13
1.1 A PREGAÇÃO EXPOSITIVA: CONCEITUAÇÃO E PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS.....	13
1.1.1 Afinal, o que é a pregação expositiva?.....	14
1.1.2 Características da pregação expositiva.....	16
1.1.2.1 Comunica um conceito bíblico.....	16
1.1.2.2 Considera o estudo histórico, gramatical e literário de uma passagem.....	16
1.1.2.3 Depende do Espírito Santo.....	17
1.1.2.4 Aplica a mensagem extraída do texto.....	17
1.2 O SERMÃO EXPOSITIVO: CONCEITO E RELEVÂNCIA.....	17
1.2.1 Princípio e forma: uma distinção necessária.....	17
1.2.2 A relevância do sermão expositivo.....	19
1.2.2.1 O sermão expositivo permite que a Bíblia pautar a agenda da igreja.....	19
1.2.2.2 O sermão expositivo é pedagógico em sua forma e conteúdo.....	19
1.2.2.3 O sermão expositivo privilegia todo o “desígnio” de Deus.....	20
2. A CONTEXTUALIZAÇÃO DO EVANGELHO.....	21
2.1 O EVANGELHO CULTURALMENTE TRADUZIDO E ADAPTADO.....	21
2.2 CARACTERÍSTICAS DA CONTEXTUALIZAÇÃO.....	22
2.2.1 Oferece respostas bíblicas às perguntas fundamentais da vida.....	22
2.2.1.1 O que é a realidade primordial?.....	23
2.2.1.2 Qual é a natureza do mundo a nossa volta?.....	24
2.2.1.3 O que é o ser humano?.....	24
2.2.1.4 O que acontece com quem morre?.....	24
2.2.1.5 Por que é possível saber alguma coisa?.....	24
2.2.1.6 Como sabemos o que é certo ou errado?.....	24
2.2.1.7 Qual é o significado da história humana?.....	25
2.2.1.8 Quais os compromissos fundamentais de uma cosmovisão?.....	25
2.2.2 Considera a época e o contexto.....	26
2.2.3 Usa linguagem e formas compreensíveis.....	26
2.2.4 Fundamenta-se em apelos e argumentos fortes.....	27
2.3 REFERÊNCIAS BÍBLICAS NA CONTEXTUALIZAÇÃO DO EVANGELHO.....	27
2.3.1 A base para a contextualização: Romanos 1 e 2.....	28
2.3.2 A motivação para a contextualização: 1Coríntios 9.....	29
2.3.3 A fórmula básica para a contextualização: 1Coríntios 1.....	30

3. A CONTEXTUALIZAÇÃO APLICADA AO SERMÃO EXPOSITIVO	32
3.1 O SERMÃO EXPOSITIVO CULTURALMENTE CONTEXTUALIZADO	32
3.1.1 Princípio 1: oferece respostas às perguntas fundamentais	32
3.1.1.1 <i>O que essa passagem ensina sobre Deus?</i>	32
3.1.1.2 <i>O que essa passagem ensina sobre a realidade criada?</i>	33
3.1.1.3 <i>O que essa passagem ensina sobre o ser humano?</i>	34
3.1.1.4 <i>O que essa passagem ensina sobre a morte e o futuro?</i>	34
3.1.1.5 <i>O que essa passagem ensina sobre o conhecimento?</i>	35
3.1.1.6 <i>O que essa passagem ensina sobre o que é certo ou errado?</i>	35
3.1.1.7 <i>O que esse texto ensina sobre o sentido da vida?</i>	36
3.1.1.8 <i>O que essa passagem ensina sobre os compromissos de fé?</i>	36
3.1.2 Princípio 2: considera o contexto e a época	36
3.1.2.1 <i>Procure entender o que não é natural ao seu ouvinte</i>	37
3.1.2.2 <i>Pense em figuras de sua congregação quando pregar</i>	37
3.1.2.3 <i>Use de ilustrações variadas para esclarecer o sermão</i>	37
3.1.2.4 <i>Não faça concessões com a verdade</i>	37
3.1.3 Princípio 3: usa linguagem simples e assertiva	38
3.1.4 Princípio 4: faz uso de argumentação e apelos fortes	38
CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, com a expansão da atividade missionária em várias regiões do mundo, a contextualização do evangelho às diferentes culturas e sociedades tornou-se objeto de intenso estudo dentro da missiologia reformada. Nesta matéria observa-se não apenas os vocábulos empregados nas traduções bíblicas ou os métodos de abordagem a povos não-alcançados, mas observa-se igualmente, entre outras questões, a comunicação culturalmente traduzida e adaptada da mensagem do evangelho, sem, obviamente, que sua essência e particularidades sejam prejudicadas nesse processo¹.

Nesse último sentido, a contextualização torna-se um exercício ainda mais desafiador, uma vez que cada cultura ou sociedade carrega consigo um conjunto de crenças e práticas, boas ou ruins, que devem ser antes identificadas e, então, valorizadas ou desafiadas pelo evangelho. Além disso, esse desafio acaba sendo amplificado pelas rápidas transformações culturais, reflexo de um mundo pós-moderno – ou “pós-tudo”, na concepção de alguns –, o qual se encontra saturado de novas informações que paulatinamente reorganizam a sociedade².

Timothy Keller, uma das referências atuais no estudo da contextualização, observou que “toda cultura humana é um misto extremamente complexo de verdade esplendorosa, meias verdades ofuscadas e resistência inegável diante da verdade”³. Sendo assim, o correto exercício na contextualização do evangelho implicará tanto a compreensão de suas verdades quanto a percepção acurada de como determinada cultura ou sociedade tem refletido, distorcido ou tentado suprimir sua mensagem.

Desde os primórdios da igreja cristã, a pregação bíblica na adoração comunitária tem sido instrumento imprescindível e ordinário nessa tarefa de traduzir e adaptar os princípios das Escrituras ao povo de Deus, onde quer que ele esteja e a qual época faça parte⁴. Nas palavras de John Stott pregar é “esclarecer o texto inspirado com tal fidelidade e sensibilidade que a voz de Deus seja ouvida e seu povo

¹ KELLER, Timothy. *Igreja centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 107.

² COCCARO, Giuliano L. Pregando num “mar de mudança”: contribuições a partir do conceito de contextualização de Newbigin. *Fides Reformata*. São Paulo, v. 21, n. 2, 2016. p. 9-34.

³ KELLER, Timothy. *Ibid.* p. 130.

⁴ PIPER, John. *Exultação expositiva: a pregação cristã como adoração*. São José dos Campos: Fiel, 2019, p. 11. Edição do Kindle.

lhe obedeça”⁵. Isso significa que, de modo resumido, a pregação visa à obediência por meio de uma instrução esclarecedora. Entretanto, para atingir esse fim, é indispensável expor ao ouvinte o ensinamento do texto bíblico e contextualizá-lo de como a obediência requerida valoriza ou desafia seus pressupostos culturais e, conseqüentemente, todo o seu modo de enxergar e reagir à realidade.

Ademais, aspecto digno de extrema atenção no assunto é a inevitabilidade da contextualização em qualquer mensagem comunicada, inclusive na prática da pregação bíblica. Toda comunicação interpessoal carregará elementos culturalmente traduzidos e adaptados, até mesmo aquela que acontece dentro de círculos relativamente homogêneos em seus pressupostos, como por exemplo uma igreja protestante.

Isso se dá porque cada ser humano percebe e interage com a realidade a partir de uma visão de mundo tão singular quanto suas digitais⁶. Logo, as pessoas ao se comunicarem acabam contextualizando sua mensagem de maneiras diversas – seja no vocabulário escolhido, na entonação dada à fala, nas expressões faciais, na apresentação de sua estrutura de pensamento, na exposição de suas crenças fundamentais sobre a vida etc. Desse modo, a consciência dessa inevitabilidade é de suma importância àqueles que estão empenhados no exercício da pregação, já que ela os conduz à reflexão de seus próprios traços e preferências culturais e, então, a uma contextualização intencional e bíblicamente orientada.

No entanto, examinar os próprios pressupostos culturais é tarefa árdua e sinuosa, e muitos pregadores têm se equivocado nesse exercício – ora subestimando a cultura, ora a superestimando⁷ –, reduzindo em ambos os casos a amplitude e a profundidade do evangelho. Nesse sentido, há consenso entre estudiosos do assunto que a falta de uma contextualização saudável e equilibrada no exercício da pregação acaba por produzir sermões infrutíferos⁸. Em outras palavras, a falta de acuidade no discernimento cultural conduz a pregações deficitárias que não atingem com profundidade as crenças, os medos e anseios do coração humano, ainda que do ponto de vista exegético e teológico possam estar corretas.

⁵ ROBINSON, Haddon e LARSON, Craig B. *A arte e o ofício da pregação bíblica: um manual abrangente para os comunicadores da atualidade*. São Paulo: Shedd Publicações, 2009, p. 26.

⁶ SIRE, James W. *O universo ao lado: um catálogo básico sobre cosmovisão*. Brasília: Editora Monergismo, 2018, p. 25.

⁷ KELLER, Timothy. *Ibid.* p. 107-108.

⁸ *Idem.* p. 107-108.

Pelas razões acima citadas, e pelo desafio existente nessa intersecção entre pregação e contextualização do evangelho, esse trabalho tem por objetivo *oferecer princípios de cosmovisão que auxiliem pregadores a construir sermões expositivos culturalmente contextualizados*.

Para alcançar esse objetivo, no entanto, o estudo precisará responder às seguintes perguntas: o que é o sermão expositivo e qual a sua relevância? O que é a contextualização do evangelho, quais são suas bases bíblicas e principais características? Quais características da contextualização podem ser observadas no processo de construção de um sermão expositivo, a fim de que ele atinja os diferentes tipos de pessoas que o ouvem sem se perder em apontamentos periféricos e específicos de cada cultura?

Sendo assim, em primeiro lugar, precisaremos nos deter na conceituação e nas particularidades do sermão expositivo. Antes, porém, compreenderemos a matriz da qual ele se deriva: a pregação expositiva. Em um segundo momento será necessário analisar os elementos-chave na contextualização do evangelho, como suas bases bíblico-teológicas e características principais. Por fim, procuraremos relacionar as características de uma contextualização saudável e intencional ao sermão expositivo, a fim de que ele atinja seu objetivo de falar na presença e da parte de Deus⁹ ao coração do ouvinte¹⁰.

⁹ MICHELÉN, Sugel. *Da parte de Deus e na presença de Deus: um guia para a pregação expositiva*. São José dos Campos: Fiel, 2018. p. 21. Edição do Kindle.

¹⁰ LLOYD-JONES, David Martyn. *Pregação e pregadores*. São José dos Campos: Fiel, 2008, p. 65. Edição do Kindle.

1. O SERMÃO EXPOSITIVO

Nesse capítulo inicial abordaremos as características do sermão expositivo. Porém, faz-se necessário antes compreender a matriz da qual ele se deriva: a pregação expositiva. Ou seja, torna-se indispensável à finalidade deste estudo assimilar o conceito e as principais características da pregação expositiva, uma vez que o sermão expositivo compartilha dos mesmos pressupostos.

1.1 A PREGAÇÃO EXPOSITIVA: CONCEITUAÇÃO E PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

Há pouco mais de 20 anos, no fim do século XX, Paulo R. B. Anglada identificou a pregação bíblica nos púlpitos evangélicos como uma atividade em declínio. Entre os vários motivos citados para justificar sua afirmação, o principal foi a ignorância de muitos a respeito da natureza da pregação, como se tratasse de uma “atividade meramente humana”¹¹. Esse desconhecimento, somado à falta de habilidades comunicativas de muitos pregadores, induziu as igrejas a priorizarem outras atividades em detrimento da pregação.

A constatação de Anglada, entretanto, não foi percebida apenas no fim do século XX, quando ele a descreveu. Na verdade, quase 30 anos antes, na década de 70, Dr. Martyn Lloyd-Jones também já identificava e se opunha a movimento similar, no qual havia desinteresse e questionamentos diversos sobre a necessidade da pregação bíblica nos ajuntamentos cristãos. Em seu diagnóstico, faltava à cristandade da época conhecimento sobre a natureza, o valor e o propósito da pregação – fato inclusive que o motivou tratar do assunto.¹²

Atualmente, é provável que exista em alguns círculos do evangelicalismo movimento oposto a esse registrado em cenários passados, nos quais a pregação tem ocupado lugar de destaque nas reuniões eclesiais. Contudo, é válido registrar que todo esse apreço não obrigatoriamente origina-se de uma compreensão bíblica do assunto. Na verdade, é possível que essa afeição resulte de uma combinação entre técnicas de oratória e formas de entretenimento contemporâneo, aliados a uma mensagem centrada não na pessoa, obra e ensino de Cristo, e sim no ego humano, como previu Paulo (cf. 2Tm 4.3-4). Acerca desse movimento, Steven J. Lawson foi

¹¹ ANGLADA, Paulo R. B. *Vox Dei: a teologia reformada da pregação*. *Fides Reformata*, São Paulo, v. 4, n. 1, 1999. p. 1.

¹² LLOYDE-JONES, David M. *Ibid.* p. 10. Edição do Kindle

preciso: “o problema atual não está na escassez de pregação. Não, a questão reside na total decadência de muito do que hoje em dia se considera pregação”¹³.

Porém, é preciso pontuar que dentro do espectro teológico-reformado da fé cristã, e até mesmo fora dele em alguns casos, há relativo consenso sobre a centralidade das Escrituras na vida da igreja, sobretudo no que se refere à pregação bíblica como o momento mais importante da adoração comunitária. Graeme Goldsworthy observou que “os protestantes evangélicos permanecem numa longa e venerável tradição, que remonta à Reforma, da centralidade da pregação nas atividades da congregação reunida”¹⁴. Nesses círculos, o compromisso tem sido majoritariamente reafirmado com o princípio de pregação chamado *pregação expositiva*.

1.1.1 Afinal, o que é a pregação expositiva?

Inicialmente, é preciso registrar que não se trata de tarefa simples conceituar pregação expositiva. Muitos estudiosos da área têm se esforçado para chegar a um denominador comum nesse exercício, porém ainda há variações significativas de abordagem ao assunto e até mesmo imprecisões, principalmente no que se refere às nomenclaturas utilizadas para tratar da matéria.

É possível que a principal dificuldade se encontre justamente no termo utilizado para descrever o conceito. Quando se discute a pregação expositiva, geralmente entende-se o adjetivo “expositiva” como referência a um método de pregação – uma fórmula a ser igualmente replicada em qualquer contexto bíblico-literário. O problema é que o adjetivo não faz referência a uma fórmula, mas a um princípio de abordagem ao texto bíblico no qual a mensagem a ser comunicada é determinada, estruturada e direcionada a partir e através da própria Escritura¹⁵.

Em outras palavras, a pregação expositiva reverbera com clareza, fidelidade e coerência aquilo que a Bíblia *expõe* em cada uma de suas partes. Nesse sentido, R. Albert Mohler Jr. escreveu que a pregação expositiva “não é a tarefa de dizer algo interessante a respeito de Deus”¹⁶. É, antes, dizer somente o que Deus está dizendo

¹³ Apud MICHELÉN, Sugel. Ibid. p. 67.

¹⁴ GOLDWORTHY, Graeme. *Pregando toda a Bíblia como escritura cristã: a aplicação da teologia bíblica à pregação expositiva*. São José dos Campos: Fiel, 2013, p. 61. Edição do Kindle.

¹⁵ ROBINSON, Haddon W. *A pregação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 16.

¹⁶ MOHLER Jr., R. Albert. *Deus não está em silêncio: pregando em um mundo pós-moderno*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2011, p. 58. Edição do Kindle

através de sua Palavra. Portanto, quem determinará o conteúdo de uma pregação expositiva é a própria Escritura – o que, obviamente, inviabiliza qualquer tentativa de abordá-la através de fórmula prévia.

Consequentemente, por se tratar de um princípio e não de um método, alguns estudiosos acabam enfatizando aspectos diversificados desse mesmo princípio, o que pode contribuir para o surgimento de algumas dúvidas. Porém, é importante ressaltar que essas ênfases não resultam necessariamente na contradição de opiniões, mas em pontos de vista possíveis e compatíveis sobre a matéria.

Jonathan Leeman, por exemplo, considera que a pregação expositiva é a exposição fiel daquilo que as Escrituras ensinam em suas porções¹⁷. Embora objetivo nas palavras, Leeman destaca o pressuposto central da pregação expositiva: deve refletir com fidelidade o ensino das Escrituras. Já David Helm, ao abordar o assunto, entre outras coisas enfatiza os resultados de uma igreja constantemente exposta à pregação expositiva: “saudável e feliz”, escreve ele¹⁸. Timothy Keller, por sua vez, destaca que “servimos à Palavra ao pregar o texto claramente e pregando o evangelho o tempo todo. Alcançamos as pessoas pregando para a cultura e para o coração”¹⁹. Ou seja, em sua percepção a pregação expositiva não se preocupa apenas com a exposição fiel do evangelho, mas também com a aplicação deste às dúvidas e aos anseios dos ouvintes no contexto cultural onde eles se encontram.

Conquanto todas essas facetas estejam abarcadas dentro do conceito de pregação expositiva e, portanto, sejam importantes para compreensão do princípio por detrás do conceito, para fins desse trabalho a definição de Haddon W. Robinson se encaixa numa proposta que agrupa todas elas em uma única formulação, que consideramos ao mesmo tempo objetiva e abrangente. Ele escreve:

a pregação expositiva é a comunicação de um conceito bíblico, derivado de, e transmitido através de um estudo histórico, gramatical e literário de uma passagem em seu contexto, que o Espírito Santo primeiramente aplica à personalidade e experiência do pregador, e depois, através dele, a seus ouvintes.²⁰

¹⁷ LEEMAN, Jonathan. *Word-centered church: how scripture brings life and growth to God's people*. Chicago: Moody Publishers, 2017, p. 102. Minha tradução.

¹⁸ HELM, David. *Pregação expositiva: proclamando a Palavra de Deus hoje*. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 14.

¹⁹ KELLER, Timothy. *Pregação: comunicando a fé na era do ceticismo*. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 23.

²⁰ ROBINSON, Haddon W. *Pregação bíblica: o desenvolvimento e a entrega de sermões expositivos*. São Paulo: Shedd Publicações, 2002, p. 22.

À vista disso, manteremos em destaque essa conceituação proposta por Robinson e a partir dela observaremos algumas de suas principais características.

1.1.2 Características da pregação expositiva

1.1.2.1 *Comunica um conceito bíblico*

Pregar expositivamente é em essência expor um ou mais conceitos fielmente extraídos das Escrituras. Isso significa que uma característica fundamental da pregação expositiva é a comunicação clara e precisa daquilo que a Bíblia está ensinando em suas partes. Sendo assim, a fim de identificar os ensinamentos centrais da Bíblia, Robinson propõe a reflexão de duas perguntas importantes: “sobre o que o texto está falando?” e “o que o texto está falando quanto àquilo sobre o qual está falando?”. A partir dessas perguntas é que se encontra a ideia central de um texto bíblico, podendo desse modo extrair seus conceitos.²¹

Portanto, qualquer ensinamento exposto que não aquele derivado do texto bíblico não pode ser considerado como pregação expositiva²². Nesse sentido, Stuart Olyott advertiu: “um arauto é um traidor, se não transmite exatamente o que o Rei diz”²³. Ou seja, pregadores são mensageiros do Rei e, por isso, devem comunicar sua Palavra com temor e fidelidade, a fim de não se tornarem ainda que acidentalmente traidores nesse exercício. Então, pode-se afirmar com segurança que não há pregação expositiva sem a exposição fiel do que a Escritura diz em uma ou mais de suas partes.

1.1.2.2 *Considera o estudo histórico, gramatical e literário de uma passagem*

A fim de que a comunicação da mensagem seja feita com precisão e clareza, é necessário conhecimento a respeito dos diversos ensinamentos bíblicos, extraídos por meio do estudo diligente no uso de ferramentas exegéticas, hermenêuticas e teológicas. Sem o esforço intenso e dedicado no estudo da Escritura fica inviável a comunicação clara e assertiva de qualquer conceito que provenha dela. É através do estudo histórico, gramatical e literário que a mensagem se torna perceptível àquele que se propõe a examiná-la. Ou seja, assim como não há pregação expositiva sem a exposição de conceitos extraídos da Bíblia, também não há conceito que não

²¹ ROBINSON, Haddon W. Ibid. p. 45

²² LEEMAN, Jonathan. Ibid. p. 132

²³ OLYOTT, Stuart. *Pregação pura e simples*. São José dos Campos: Fiel, 2021, p. 24. Edição do Kindle.

provenha através da mínima compreensão histórica, gramatical e literária do texto. Nesse sentido, é justamente pela falta de esforço na utilização das ferramentas teológicas que muitas vezes o texto acaba se tornando campo fértil de imprecisões e divagações no momento da pregação.

1.1.2.3 *Depende do Espírito Santo*

Sem o Espírito Santo de Deus não haveria Escritura. Ele é o autor supremo e o preservador de todos os livros bíblicos contidos no cânon. Foi ele quem inspirou organicamente os servos de Deus a registrarem cada palavra contida na Bíblia,²⁴ de modo que as características individuais de cada um fossem preservadas nesse processo e sem que isso comprometesse de alguma maneira a pureza do texto sagrado²⁵. Portanto, é sempre na autoridade e na supervisão do Espírito Santo que o princípio da pregação expositiva pode ser fielmente aplicado. A súplica por iluminação ao Espírito de Deus e o estudo diligente de sua Palavra são formas práticas de pregadores demonstrarem essa dependência.

1.1.2.4 *Aplica a mensagem extraída do texto*

Característica fundamental aos objetivos de nosso estudo é o que Robinson chama de “aplicação”, primeiramente ao pregador e depois ao seu ouvinte. É exatamente nesse ponto da pregação expositiva que a comunicação culturalmente traduzida e adaptada do evangelho deve ser especialmente observada, tanto do pregador a sua própria vida e através dele a seus ouvintes. Posteriormente, no curso do segundo capítulo, ampliaremos a questão. Para agora basta entendermos que a aplicação da mensagem – ou contextualização, nos termos desse estudo – é aspecto imprescindível na pregação expositiva. Do contrário há apenas, na melhor das hipóteses, informação exegética e teológica através do púlpito.

1.2 O SERMÃO EXPOSITIVO: CONCEITO E RELEVÂNCIA

1.2.1 Princípio e forma: uma distinção necessária

Até esse momento vimos o conceito e as principais características que constituem a pregação expositiva. Além de compreender o assunto, o que é

²⁴ SPROUL, R.C. *Somos todos teólogos: uma introdução à teologia sistemática*. São José dos Campos: Fiel, 2017, p. 49. Edição do Kindle.

²⁵ LIMA, Leandro Antonio de. *Razão da esperança: teologia para hoje*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006. p. 17.

importante para os objetivos do trabalho, esse exercício também se fez necessário uma vez que não são poucos os que têm se referido à pregação expositiva (princípio) como sinônimo do sermão expositivo (forma), quando na verdade não é.

Bryan Chapell e Haddon Robinson, por exemplo, referências no estudo de pregação bíblica, acabam incorrendo nessa imprecisão ao afirmarem que “a pregação expositiva tenta apresentar e aplicar as verdades de uma passagem bíblica *específica*” [grifo meu]²⁶. Na verdade, expor e aplicar verdades de uma passagem bíblica *específica* é justamente a forma do sermão expositivo. Portanto, antes de seguirmos adiante, torna-se necessário nos determos ainda que brevemente no esclarecimento dessa questão.

Como já tratado anteriormente, o princípio elementar da pregação expositiva é a exposição fiel de conceitos extraídos das Escrituras. Contudo, esses conceitos não precisam ser obrigatoriamente identificados e comunicados a partir de uma *única* passagem. É possível, por exemplo, expor fielmente um mesmo conceito a partir de duas ou mais passagens da Escrituras. À vista disso, então, o que diferencia o sermão expositivo de outras formas de pregação expositiva é a identificação e a comunicação das verdades bíblicas a partir de uma *única* passagem. Ou seja, a diferença não está no princípio expositivo de pregação e sim na forma de aplicá-lo – se a partir de um único ou se a partir de múltiplos textos.

Reflexão significativa na dissolução dessa confusão nos oferece Dario A. Cardoso em seu artigo *A Forma da Pregação Expositiva*²⁷. Em seu texto Cardoso defende que o sermão temático expositivo, por exemplo, no qual diversas passagens das Escrituras são expostas a fim de ensinar sobre um mesmo tema, também pode se adequar ao princípio e muito bem atender às características da pregação expositiva (cf. At 2.14-36 – o sermão de Pedro: um sermão temático expositivo). Essa reflexão é importante pois corrobora com o entendimento de que a pregação expositiva não é um método e sim de um princípio de pregação e que, exatamente por isso, pode ter aplicações diversificadas, como nesse caso de fato as tem.

Pontuada essa distinção entre princípio e formas de se pregar expositivamente, pode-se afirmar que parece existir consenso no espectro de igrejas reformadas de

²⁶ CHAPELL, Bryan. *Pregação Cristocêntrica*. São Paulo: Cultura Cristã, 3ª ed., 2016, p. 25. Edição do Kindle.

²⁷ CARDOSO, Dario A. *A Forma da Pregação Expositiva*. *Fides Reformata*, São Paulo, v. 23, n. 2, 2018. p. 25-33.

que o sermão expositivo sequencial – a exposição em sequência das passagens de um livro das Escrituras – tem sido fonte importante de alimento à manutenção e ao crescimento da igreja cristã ao longo dos séculos. Entre as razões para o entendimento dessa relevância, destacam-se algumas²⁸.

1.2.2 A relevância do sermão expositivo

1.2.2.1 O sermão expositivo permite que a Bíblia pautar a agenda da igreja

Quando se opta pelo sermão expositivo, especialmente pela *lectio continua*²⁹, opta-se também pela primazia da Palavra de Deus em relação ao assunto das mensagens pregadas. Esse compromisso evita que o pregador incorra no erro de tentar fugir de certos textos e temas bíblicos, difíceis na forma ou no conteúdo³⁰, uma vez que todas as passagens devem ser expostas com a mesma dedicação e fidelidade³¹ – *toda* a Escritura é inspirada por Deus (2Tm 3.16).

Com o avanço da comunicação por meios digitais, todos os dias a sociedade é inundada de notícias diversas sobre o mundo e seus acontecimentos. Sendo assim, o compromisso com o sermão expositivo sequencial também evita que a cultura secular fique pautando a agenda de pregação da igreja, quando discussões presentes na sociedade acabam sendo alvo contínuo da pregação dominical. Portanto, o sermão expositivo enriquece tanto o pregador quanto a congregação, sendo ambos pautados pela Palavra de Deus. Nessa direção, Jonathan Leeman concluiu: “a Bíblia sabe o que é relevante para cada congregação muito melhor do que o maior dos pastores. Ela sabe o que a congregação precisa mais do que a própria congregação”³².

1.2.2.2 O sermão expositivo é pedagógico em sua forma e conteúdo

Outro benefício que o sermão expositivo produz à igreja é o entendimento de como as Escrituras devem ser lidas e interpretadas. À medida que o pregador expõe a ideia central de um texto bíblico e justifica os motivos que o levaram a esse entendimento, apontando ferramentas e recursos utilizados nesse processo, os ouvintes acabam sendo educados nesse exercício.

²⁸ KELLER, Timothy. *Pregação: comunicando a fé na era do ceticismo*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2017, p. 41-48.

²⁹ Termo comumente usado para se referir à exposição sequencial de passagens bíblicas dentro de um mesmo livro.

³⁰ LEEMAN, Jonathan. *Ibid.* p. 107. Minha tradução.

³¹ CHAPPELL, Bryan. *Ibid.*, p. 87. Edição do Kindle.

³² LEEMAN, Jonathan. *Ibid.* p. 106. Minha tradução.

Desse modo, além de ser ensinada quanto ao conteúdo da passagem em questão, a igreja é igualmente orientada na forma de estudar o texto bíblico, especialmente no seu exercício individual. Ademais, o sermão expositivo “exige que o pregador e a congregação aprendam sobre Deus a partir do que ele relevou sobre si mesmo, e não a partir do que eles desejam”³³.

1.2.2.3 O sermão expositivo privilegia todo o “desígnio” de Deus

Durante os três anos que o apóstolo Paulo esteve em Éfeso, ele ensinou “todo o desígnio de Deus” aos presbíteros da igreja ali instituída (At 20.27). Ao escrever a Timóteo, ele afirmou: “toda a Escritura é inspirada por Deus” (2Tm 3.16). Ou seja, esses e outros textos bíblicos enfatizam a importância de se conhecer a Palavra de Deus em sua completude. Nesse sentido, o sermão expositivo sequencial é ferramenta importante no cumprimento dessa tarefa, uma vez que ele procura extrair os diversos ensinamentos no curso das passagens bíblicas, contribuindo assim para a igreja crescer no conhecimento de todo o desígnio de Deus.

Enfim, o sermão expositivo tem se mostrado excelente aplicação do princípio de pregação expositiva. No seu exercício fiel e dedicado, o pregador e a igreja estão debaixo da autoridade de Deus. Quando o sermão expositivo é comunicado na dependência do Espírito Santo e fundamentado na pessoa, obra e ensino de Cristo é o próprio Deus quem fala ao seu povo³⁴. Portanto, resta-nos agora aprofundarmos no estudo da contextualização da mensagem do evangelho, a fim de extrair seus princípios e relacioná-los posteriormente às características do sermão expositivo.

³³ LEEMAN, Jonathan. Ibid. p. 107. Minha tradução.

³⁴ CLOWNEY, Edmund. *Pregando Cristo em toda a Escritura*. São Paulo: Vida Nova, 2021, p. 47

2. A CONTEXTUALIZAÇÃO DO EVANGELHO

2.1 O EVANGELHO CULTURALMENTE TRADUZIDO E ADAPTADO

A contextualização do evangelho como objeto de estudo dentro da missiologia reformada pode ser abordada a partir de diversas perspectivas. Nessa pesquisa, entretanto, estamos usando o termo como referência à tradução e à adaptação cultural na comunicação do evangelho, especialmente na pregação bíblica que acontece regularmente na adoração comunitária, como veremos no último capítulo.

Como já pontuado na introdução a esse trabalho, o grande desafio da contextualização está justamente no equilíbrio de duas atividades inseparáveis: conhecer tanto a essência e as particularidades do evangelho quanto as características da cultura para a qual ele é proclamado. Nas palavras de Giuliano L. Coccaro, em seu artigo *Pregando num “mar de mudança”: contribuições a partir do conceito de Newbigin*, esse equilíbrio também pode ser resumido em duas palavras: fidelidade e relevância³⁵ – ou seja, fidelidade bíblica e relevância cultural.

Conquanto sejam esses termos importantes para a discussão e aprofundamento do assunto, pelo menos uma observação se faz necessária quanto à utilização do termo “relevância”. Seu uso indiscriminado pode sugerir a necessidade de tornar a mensagem do evangelho relevante à cultura, o que obviamente é um equívoco. O evangelho em si mesmo já é relevante, uma vez que ele é o poder de Deus para a salvação de sua igreja (Rm 1.16-17). Todavia, o termo entendido no sentido adequado indica a importância de expressar as verdades do evangelho levando em consideração as características culturais daqueles que o ouvem.

Timothy Keller, em sua obra *Igreja Centrada*, contribui para um entendimento mais abrangente e preciso do assunto. Na visão dele, contextualização é:

oferecer às pessoas respostas bíblicas que elas talvez não queiram ouvir de forma nenhuma às perguntas sobre a vida que estão fazendo, na época e no lugar em que se encontram, numa linguagem e em formas que compreendam e por meio de apelos e argumentos com uma força que elas sejam capazes de sentir, ainda que, no fim de tudo, os rejeitem.³⁶

É importante definir o conceito e explicar o princípio que o sustenta, uma vez que ao longo da história da igreja, no anseio por tornar o evangelho “relevante” à cultura, não faltaram exemplos de erros na sua contextualização. Possivelmente um

³⁵ COCCARO, Giuliano L. Ibid. p. 12.

³⁶ KELLER, Timothy. Ibid., p. 107.

dos mais prejudiciais à fé cristã tenha sido a tentativa de adequá-lo aos pressupostos da cosmovisão naturalista. Keller, sobre isso escreveu:

o cristianismo liberal adaptou-se à cultura quando deveria desafiá-la. Para tornar o cristianismo (assim pensavam) agradável à sociedade moderna, os líderes do cristianismo liberal redefiniram toda a doutrina com contornos naturalistas.³⁷

Ou seja, quando a contextualização é aplicada de forma pragmática e sem a devida reflexão, os seus resultados podem ser desastrosos. Isso significa que não é a cultura que decidirá quais aspectos do evangelho são relevantes ou não a ela. Pelo contrário, é o evangelho que antes determinará quais aspectos dela deverão ser valorizados ou desafiados segundo a sua mensagem.

Isto posto, e usando a conceituação de Keller como referência, destacaremos a seguir as principais características da contextualização.

2.2 CARACTERÍSTICAS DA CONTEXTUALIZAÇÃO

2.2.1 Oferece respostas bíblicas às perguntas fundamentais da vida

Provavelmente aqui se encontra um dos pontos mais negligenciados no correto exercício da contextualização do evangelho: a falta de devida consideração sobre as perguntas fundamentais que as pessoas de todas as culturas e épocas fizeram, fazem e inevitavelmente continuarão fazendo a respeito da realidade. Muitos na ânsia de tornar “relevante” o evangelho à cultura se perdem em aspectos secundários e particulares, como por exemplo questões litúrgicas, linguísticas e estéticas.

Sim, é verdade que o evangelho possui respostas significativas para todas as áreas da existência humana e seria um equívoco desconsiderar isso no estudo de sua contextualização. No entanto, o adequado exercício na contextualização do evangelho não pode se prender somente a essas particularidades culturais. É necessário, antes, considerar os elementos comuns a toda a humanidade, ou seja, elementos presentes em todas as culturas de todas as épocas, como por exemplo: a identidade do ser humano enquanto criatura divina; seu valor superior como primícia da criação; seu atual estado de miséria, pecado e morte; sua busca idólatra por glória à parte do Criador; sua necessidade de um salvador etc. Esses são alguns pontos que tangenciam todas as culturas de todas as épocas. Nesse sentido, portanto, o

³⁷ KELLER, Timothy. Ibid. p. 111.

evangelho é supracultural, pois ele está ao mesmo tempo revelando e julgando toda a humanidade, independentemente de suas particularidades e contextos culturais³⁸.

James W. Sire identifica ao menos oito perguntas fundamentais que as pessoas em quaisquer culturas ou épocas inevitavelmente estão respondendo em seu dia a dia, ainda que não tenham consciência delas³⁹. Porém, antes de examiná-las é válido entendermos o conceito de cosmovisão por detrás dessas perguntas. Sire diz que, em essência, cosmovisão é

o compromisso, a orientação fundamental do coração, que pode ser expresso em uma história ou um conjunto de pressupostos (suposições que podem ser verdadeiras, verdadeiras em parte ou de todo falsas) que mantemos (de forma consciente ou subconsciente, consistente ou inconsistente) sobre a constituição básica da realidade e que fornece o fundamento sobre o qual vivemos, nos movemos e existimos.⁴⁰

Numa outra forma de colocar a questão, a vida de qualquer pessoa demonstrará os compromissos fundamentais que ela assume ao enxergar e interagir com a realidade a sua volta. Essas perguntas, portanto, ajudam no sentido de trazer à superfície as crenças básicas comuns à humanidade, geralmente camufladas nas diferentes manifestações culturais.

Abaixo veremos que todas as perguntas partem do mesmo pressuposto: a questão não é se existe ou não compromissos fundamentais nessa ou naquela cultura; a única questão é como o compromisso assumido pode ser identificado e, então, valorizado ou desafiado pelo evangelho em qualquer cultura e em qualquer época. Sendo assim, as perguntas básicas que refletem os princípios de cosmovisão são fundamentais à contextualização. Através do entendimento delas é possível estabelecer princípios de contextualização que traduzam e adaptem culturalmente o evangelho sem que esse exercício fique orbitando questões secundárias e, muitas vezes, desnecessariamente polêmicas.

2.2.1.1 *O que é a realidade primordial?*

A primeira pergunta de cosmovisão é a mais importante, que sustenta todas as demais questões, e diz respeito à realidade última de todas as coisas. Para ela, só há três respostas possíveis: Deus, deuses ou o cosmo material. Inevitavelmente, todas

³⁸ KELLER, Timothy. Ibid. p. 113.

³⁹ SIRE, James W. Ibid. p. 11-12.

⁴⁰ Idem. p. 26

as cosmovisões responderão a essa pergunta e, a partir dela, as demais serão igualmente respondidas.

2.2.1.2 *Qual é a natureza do mundo a nossa volta?*

Isso significa: qual é crença básica que as pessoas sustentam sobre a natureza do mundo? Criado ou autônomo, caótico ou ordenado, são algumas respostas possíveis que estarão diretamente relacionadas com a primeira pergunta.

2.2.1.3 *O que é o ser humano?*

Outra pergunta derivada da primeira também será respondida a respeito do ser humano. Se a matéria, por exemplo, é a realidade fundamental, o ser humano é apenas um saco de sangue, órgãos, músculos e ossos – uma máquina acidentalmente complexa. No entanto, se o Deus bíblico é a realidade última de todas as coisas, o ser humano é alguém feito à sua própria imagem, como afirma as Escrituras.

2.2.1.4 *O que acontece com quem morre?*

Tão inevitável quanto a própria morte é o que as diferentes culturas e sociedades consideram a respeito dela. A contar da primeira resposta sobre a realidade fundamental, essa poderá ter caminhos diversos. Extinção integral da pessoa, reencarnação, ou transformação de estado são algumas das respostas possíveis, dependendo da visão de mundo assumida.

2.2.1.5 *Por que é possível saber alguma coisa?*

Que se pode conhecer aspectos da realidade isso é fato. Por quê? Depende do tipo de cosmovisão adotada. No caso, a naturalista relaciona o conhecimento ao processo de evolução da matéria. Já a teísta cristã afirma que o conhecimento do ser humano é derivado do próprio Deus, uma vez que ele foi criado à imagem daquele que possui todo o conhecimento e sabedoria.

2.2.1.6 *Como sabemos o que é certo ou errado?*

Essa tem sido uma das perguntas que mais demonstram a incoerência e a inconsistência da visão de mundo naturalista, assumida majoritariamente pela cultura secular. Se o ser humano não passa de uma máquina extremamente complexa, resultado de um processo evolutivo, não há como saber de fato o que é certo ou errado. Ou seja, a ética e a moralidade não passam de convenções sociais que podem

a qualquer momento deixar de ser convenientes a uma cultura ou sociedade. No entanto, não é assim que as pessoas vivem, como se não houvesse certo ou errado. Caso existisse coerência com a visão de mundo naturalista o que se veria era anarquia instaurada em todos os âmbitos da realidade.

2.2.1.7 *Qual é o significado da história humana?*

Em outras palavras, qual é o sentido da vida? Novamente, as respostas dependem da visão de mundo assumida. Se o teísmo cristão está correto, o propósito da vida não pode ser outro senão viver para adorar ao Criador. Se o naturalismo está correto, não há sentido último para a existência. Tudo o que importa é o *aqui* e o *agora*.

2.2.1.8 *Quais os compromissos fundamentais de uma cosmovisão?*

Com essa pergunta, Sire se refere aos compromissos básicos que todas as cosmovisões assumem. Em outras palavras, é inevitável ter uma visão de mundo e a partir dela demonstrar compromissos subsequentes que se transformam em pensamentos, sentimentos, desejos e comportamentos. Todos os seres humanos estão comprometidos com algo ou alguém nas suas variadas formas de perceber e reagir à realidade.

Mas afinal, por que todo esse entendimento de cosmovisão é importante à contextualização do evangelho? Em primeiro lugar, porque essas perguntas, como já dissemos, estão presentes em todas as culturas e sociedades, não importam em que lugar estejam, qual idioma falem ou a que época fazem ou fizeram parte; são perguntas inerentes à toda a humanidade em seu estado de pecado e miséria. Portanto, o correto exercício na contextualização já assumirá como pressuposto a inevitabilidade de suas respostas. Uma abordagem correta, por exemplo, considerará não se há crença sobre Deus em determinada cultura, mas apenas como aquela cultura está refletindo ou tentando negar sua existência (cf. Rm 1.21 “tendo conhecimento de Deus”).

Em segundo lugar, é importante porque o evangelho oferece respostas realmente transformadoras às pessoas, ofertando verdades e promessas na pessoa, obra e ensino de Cristo que atingem o âmago de todos os problemas que afetam a humanidade. Compreender o que as pessoas amam, anseiam e temem ajudará na tradução e adaptação do evangelho de modo a atingir o coração delas.

2.2.2 Considera a época e o contexto

Outra característica fundamental à contextualização do evangelho é o entendimento acurado tanto da época quanto do contexto em que as diferentes culturas e sociedades se encontram. Não há como traduzir e adaptar culturalmente o evangelho se não houver o entendimento da cultura do mundo bíblico e depois o mínimo entendimento da cultura para a qual ele é comunicado.

Obviamente cada época e contexto oferecerá aos cristãos desafios e oportunidades diversificados. Entretanto, o desafio principal sempre será manter uma contextualização intencional e equilibrada. Caso a cultura seja superestimada e por isso não desafiada da maneira correta, ou então seja subestimada e por isso não valorizada em suas virtudes, em ambos os casos o evangelho acabará tendo sua essência e particularidades prejudicadas, contribuindo desse modo a uma contextualização infrutífera⁴¹.

2.2.3 Usa linguagem e formas compreensíveis

Característica importante na contextualização é a comunicação verbal da mensagem bíblica. É através da pregação do evangelho que Deus comunica aos seus eleitos a obra de salvação ofertada em Jesus (Rm 10.14). É claro, isso demanda ao exercício da contextualização a tradução da Bíblia ao maior número de idiomas e dialetos possíveis. Entretanto, demanda igualmente a tradução e a adaptação cultural da mensagem do evangelho. Ou seja, não apenas “falar a mesma língua”, mas também comunicar de maneira compreensível a mensagem bíblica.

Isso implica o uso adequado do vocabulário escolhido, sempre coerente com o público-alvo ao qual se prega. Implica ainda estrutura clara de pensamento e ideias expressadas objetivamente. Além disso, quando se pensa em comunicação verbal do evangelho, é preciso considerar que

não existe uma única maneira universal de expressar a fé cristã para todo o mundo e em todas as culturas [...], mas embora não exista uma maneira cultural transcendente de expressar as verdades do evangelho, existe, porém, apenas um evangelho verdadeiro. As verdades do evangelho não são produto de determinada cultura, e elas julgam todas as culturas humanas.⁴²

Ainda sobre o mesmo tema, Keller pontua:

⁴¹ KELLER, Timothy. Ibid. p. 107-108.

⁴² KELLER, Timothy. Ibid., p. 113.

Não existe uma apresentação do evangelho para todos que seja universal e livre de cultura [...] Mesmo assim, embora essas verdades do evangelho nunca sejam apresentadas da mesma maneira a todos, é claro que têm o mesmo conteúdo: a natureza de Deus como justo e amoroso, nosso estado de pecado e perdição, a realidade de que Jesus conquistou a salvação a nosso favor e a necessidade de aceitarmos essa salvação por meio da fé e pela graça.⁴³

Enfim, para a contextualização ser equilibrada é necessário entendimento de como determinada cultura ou sociedade tem feito uso de sua linguagem. Mais do que isso: é necessário o entendimento de quais aspectos nela devem ser valorizados ou desafiados pelo evangelho a partir da comunicação de conceitos que orbitam o mesmo conteúdo bíblico.

2.2.4 Fundamenta-se em apelos e argumentos fortes

A força necessária aqui não diz respeito à entonação ou ao volume da voz, nem mesmo a ilustrações emocionalmente impactantes. Diz respeito à força de persuasão na comunicação das verdades do evangelho. Como destacado anteriormente, as culturas e sociedades expressam de maneiras diferentes um problema de matriz espiritual – a quebra do relacionamento com Deus e as consequências da entrada do pecado no mundo. Conquanto diferentes em suas expressões, o problema de todas permanece o mesmo: pecado.

Portanto, o argumento e o apelo devem ser direcionados às questões fundamentais da existência humana, aquelas extraídas do princípio de cosmovisão, que dizem respeito sobretudo a sua relação quebrada e disfuncional com o Criador. Sendo assim, uma contextualização saudável buscará atingir o coração das pessoas – suas crenças, dúvidas, anseios, medos e esperanças – através de apelos e argumentos consistentes, coerentes e apologeticamente fortes.

2.3 REFERÊNCIAS BÍBLICAS NA CONTEXTUALIZAÇÃO DO EVANGELHO

Uma vez entendido o conceito de contextualização nos termos deste trabalho, bem como suas principais características, faz-se necessário analisarmos as referências bíblicas para a base, a motivação e a fórmula básica da contextualização

⁴³ KELLER, Timothy. Ibid. p. 136.

do evangelho. Para isso, estamos adotando a estrutura proposta por Keller no capítulo 9 da obra *Igreja Centrada*⁴⁴.

2.3.1 A base para a contextualização: Romanos 1 e 2

O entendimento de que as diferentes culturas e sociedades carregam em si aspectos bons ou ruins e que, portanto, devem ser valorizados ou desafiados pelo evangelho, é a base para a contextualização. Isso significa que para contextualizar a Palavra de Deus adequadamente é preciso ter uma compreensão mais flexível da cultura, um misto de desfrute e cautela⁴⁵. Nesse sentido, tanto a abordagem ingênua como a abordagem intransigente de determinada cultura ou sociedade errarão no processo de contextualização.

Essa perspectiva é fornecida pelo apóstolo Paulo nos capítulos 1 e 2 da epístola aos Romanos. Ali é ensinado que tanto os judeus quanto os gentios estão debaixo da ira de Deus – ou seja, no caso em questão, toda a humanidade. Os judeus demonstram sua perdição através da idolatria da moralidade religiosa e os não judeus a demonstram através da idolatria da imoralidade. Essa proposição de Paulo é exatamente a mesma oferecida por Jesus na popularmente chamada “parábola do filho pródigo” (Lc 15). Nela vemos tanto o filho mais velho (representando a liderança religiosa judaica) quanto o filho mais novo (representando pecadores alienados) igualmente perdidos em sua autoidolatria.

No entanto, se por um lado percebemos essas maneiras equivocadas e desastrosas de autojustificação, seja pela moralidade religiosa ou pela imoralidade, por outro lado também percebemos a imagem de Deus refletida no ser humano. Nas palavras de Paulo, “[...] os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas” (Rm 1.20). Ou seja, o ser humano criado à imagem de Deus, e por meio da revelação geral conhecedor de seu Criador, carrega em si atributos comunicáveis de Deus e conhecimento da verdade, o que o torna a primícia de toda criação (Sl 8.3-8).

Portanto, o ser humano expressa culturalmente, ao mesmo tempo, tanto sua mais elevada honra quanto a sua mais ofensiva desonra. A contextualização

⁴⁴ Idem. p. 107-143.

⁴⁵ KELLER, Timothy. Ibid. p. 130.

saudável do evangelho lidar com essas expressões culturais de maneira equilibrada, tentando discernir o que nelas têm de reflexo da glória divina e por isso deve ser elogiado, e aquilo que expressa clara rebelião ao Criador e assim deve ser desafiado.

2.3.2 A motivação para a contextualização: 1Coríntios 9

Se a base para a contextualização do evangelho se encontra na *imago Dei*, ou seja, no fato do ser humano apesar do pecado ainda ser portador da imagem de Deus, a motivação para a contextualização se baseia no reconhecimento de que, por causa dessa imagem, o evangelho pode e deve ser flexível em relação a determinados elementos culturais.

Em 1Coríntios 9.19-23, Paulo demonstra essa flexibilidade quando afirma:

Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei, embora não esteja eu debaixo da lei. Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse, não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei. Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns. Tudo faço por causa do evangelho, com o fim de me tornar cooperador com ele.

No contexto, ele está enfatizando a sua habilidade ao se relacionar com culturas distintas, como a dos judeus e a dos não judeus por exemplo, a fim de atingir um propósito maior: proclamar a mensagem de salvação ofertada no evangelho.

Essa adaptação cultural de Paulo para se movimentar entre culturas diferentes demonstra que a contextualização deve ser pautada pelo amor. Contextualizar é se desprender de suas próprias preferências e amarras culturais para atingir o próximo com a verdade de Deus. “Negar que muito do nosso cristianismo é culturalmente relativo significa elevar a cultura e a tradição humanas a um nível divino e desonrar a Escritura”.⁴⁶

No entanto, essa adaptação cultural não pode implicar a descaracterização do evangelho, na tentativa de evitar que ele soe ofensivo a determinada cultura ou sociedade. Até porque o evangelho em sua essência sempre desafiará certos traços

⁴⁶ KELLER, Timothy. Ibid. p. 140.

culturais enquanto valorizará outros. O ponto é saber o que deve ser desafiado e o que deve ser elogiado. Keller registra isso da seguinte forma: “a devida contextualização significa provocar o escândalo certo – aquele que o evangelho apresenta a todos os pecadores – e eliminar todos os que são desnecessários”⁴⁷.

2.3.3 A fórmula básica para a contextualização: 1Coríntios 1

Em 1Coríntios 1.22-25 vemos Paulo demonstrando sua maneira de contextualizar a Palavra de Deus, exaltando e ao mesmo tempo desafiando elementos culturais. Ele diz:

Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.

Para os judeus a cruz era escândalo. Para os gentios era loucura. Isso porque os judeus valorizavam a força de um messias que realizaria sinais de poder e estabeleceria um reino de paz e prosperidade; já os gentios valorizavam a sabedoria e aquilo que poderia ser alcançado por meio do conhecimento intelectual. Ou seja, tanto para judeus quanto para gentios um salvador crucificado era nada menos do que “escândalo” e “loucura”.

Entretanto, Paulo não apenas scandaliza judeus e gentios com a verdade do evangelho. Ele também mostra a saída, oferecendo aquilo que cada cultura valorizava: *poder e sabedoria* de Deus são verdadeiramente encontrados, ambos, em Cristo. Ou seja, “ele mostra as condições desastrosas e a idolatria implícita presentes em suas culturas e depois revela a solução que pode ser encontrada em Cristo”⁴⁸. Portanto, a fórmula básica para a contextualização sempre sustentará de maneira equilibrada a relação do evangelho com a cultura, ora desafiando suas crenças e práticas, ora as valorizando – sempre de acordo com as verdades contidas no evangelho.

Enfim, a contextualização intencional e biblicamente orientada adaptará e traduzirá as verdades do evangelho às diferentes culturas e sociedades com a

⁴⁷ Idem. p. 133.

⁴⁸ Idem. p. 134.

finalidade de incomodá-las em sua rebelião ao Criador e valorizá-las naquilo que elas têm refletido corretamente da imagem de Deus. Sobre isso, encerramos essa parte com uma importante reflexão feita por Keller:

Não podemos concluir de modo simplista que as culturas tradicionais e conservadoras são bíblicas e que as culturas seculares e liberais são imorais e maléficas. As culturas tradicionais têm também os seus ídolos, geralmente atribuindo à família ou à etnia ou valor absoluto – que leva aos males do racismo, do tribalismo, do patriarcado e de outras formas de moralismo e opressão. As culturas liberais atribuem ao indivíduo e ao princípio de liberdade humana um valor absoluto – que corroem a família, a comunidade, a integridade nos negócios e nas práticas sexuais. Contudo, tanto a importância da família quanto o valor e a liberdade do indivíduo acham-se no centro da cosmovisão bíblica.⁴⁹

⁴⁹ KELLER, Timothy. *Ibid.*, p. 131.

3. A CONTEXTUALIZAÇÃO APLICADA AO SERMÃO EXPOSITIVO

Uma vez entendido tanto o que é o sermão expositivo quanto quais são as principais características da contextualização do evangelho, é o momento de relacionar essas duas áreas do estudo teológico, como propõe o objetivo principal desse trabalho. Com base no que já foi tratado até esse momento, pode-se concluir que *um sermão expositivo culturalmente contextualizado se ocupará de oferecer, a partir de passagens específicas das Escrituras, respostas verdadeiras e significativas às perguntas fundamentais sobre a vida, que as pessoas em todas as culturas e sociedades estão fazendo.*

De acordo com o apóstolo Paulo, todas essas perguntas podem ser satisfatoriamente respondidas em Cristo. Ou seja, cada sermão expositivo, uma vez que ele sempre deve apontar para a pessoa, obra e/ou ensino de Cristo, também oferecerá respostas relevantes aos anseios e esperanças das pessoas de qualquer época ou lugar. Isto posto, passaremos agora a oferecer princípios da contextualização intencional e biblicamente orientada na prática do sermão expositivo.

3.1 O SERMÃO EXPOSITIVO CULTURALMENTE CONTEXTUALIZADO

3.1.1 Princípio 1: oferece respostas às perguntas fundamentais

O sermão expositivo, além de expor com fidelidade o ensino de uma passagem bíblica, deve expor (trazer à luz) o coração das pessoas que o escutam. Para isso é necessário refletir sobre como o texto em questão toca em medos e anseios relativos à toda a humanidade. Usando como modelo a estrutura proposta por Sire, a respeito das oito perguntas básicas de cosmovisão, podemos considerar e propor as seguintes questões:

3.1.1.1 *O que essa passagem ensina sobre Deus?*

A Escritura é a Palavra de Deus. Isso significa que sua natureza, importância e finalidade estão fundamentadas no próprio Deus. Sendo assim, todo sermão expositivo deve em primeiro lugar considerar o que a passagem a ser exposta revela sobre o Deus trino. Esse é o pressuposto básico assumido pela própria Escritura. Como registrou Louis Berkhof,

a Bíblia pressupõe a existência de Deus em sua declaração inicial, “No princípio criou Deus os céus e a terra”. Ela não somente descreve a Deus

como o criador de todas as coisas, mas também como o sustentador de todas as suas criaturas, e como governador de indivíduos e nações.⁵⁰

A tradução e adaptação cultural dessa verdade, portanto, deve levar em conta como os ouvintes têm reagido à existência de Deus: tentando negá-la, suprimi-la ou se rendendo em adoração.

Até mesmo cristãos não devem ser desprezados nesse exercício de desafiar seus próprios pressupostos culturais a respeito da existência e da bondade de Deus. Conquanto estejam debaixo da graça, muitas vezes ainda sofrem com os resquícios de incredulidade presentes no próprio coração, reagindo desse modo às dores e aos sofrimentos da vida não com fé, mas com desconfiança na existência e na bondade de Deus. Exatamente por isso, o autor aos Hebreus escreveu àqueles que estavam pensando em abandonar o cristianismo por causa da perseguição: “De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam” (Hb 11.6). Sendo assim, antes de qualquer coisa o sermão expositivo deve “expor” Deus.

3.1.1.2 *O que essa passagem ensina sobre a realidade criada?*

Em outras palavras, o que o texto em questão ensina sobre a natureza desse mundo? Com o progresso científico, cada vez mais as pessoas tomam conhecimento das leis e dos eventos físicos, químicos e biológicos presentes no universo. No entanto, muito da formação científica contemporânea parte do pressuposto naturalista, no qual o universo é percebido como um sistema fechado de causas e efeitos que segue seu rumo evolutivo.

Desse modo, a adaptação cultural no sermão expositivo deverá considerar como esse pressuposto se faz presente na mente dos ouvintes, negando muitas vezes não a criação, no caso dos cristãos, mas a providência divina – ou seja, seu controle absoluto sobre tudo o que acontece na realidade⁵¹, inclusive por meio das leis que ele estabeleceu, sem elas ou até mesmo contra elas⁵². Há muitos cristãos que sustentam coerentemente a doutrina da criação e ao mesmo tempo demonstram incoerência e

⁵⁰ BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2012, p. 21.

⁵¹ Idem. p. 153.

⁵² Confissão de Fé de Westminster, cap. 4, parágrafo III: “Na sua providência ordinária Deus emprega meios; todavia, ele é livre para operar sem eles, sobre eles ou contra eles, segundo o seu arbítrio”. Disponível em: www.monergismo.com.br/textos/credos/cfw.htm. Acesso em 21.10.2022, às 18h28.

inconsistência no outro lado da mesma moeda: a doutrina da providência. O sermão expositivo deve desafiar esse pressuposto naturalista.

3.1.1.3 *O que essa passagem ensina sobre o ser humano?*

Talvez aqui esteja uma das áreas mais sensíveis na tradução e adaptação cultural do evangelho – e também uma das mais úteis e proveitosas nesse exercício. Grande parte da cultura ocidental tem assumido o pressuposto da antropologia naturalista. Na prática, isso implica muitas vezes perceber o ser humano não em sua integralidade, como revela as Escrituras, mas privilegiar aspectos de sua existência em detrimento de outros igualmente importantes.

Um exemplo claro desse pressuposto assumido – até mesmo por aqueles que se declaram cristãos na atualidade – é a absolutização tanto do aspecto estético quanto do aspecto psicológico, como se a existência humana se resumisse apenas à beleza e ao bem-estar mental. Infelizmente, o evangelicalismo contemporâneo está repleto de pessoas que pensam assim, fazendo das academias e dos consultórios de saúde mental seus espaços “sagrados”.

Nesse sentido, portanto, o sermão expositivo pode refletir sobre como determinada passagem bíblica valoriza o ser humano enquanto criatura divina, mostra sua beleza e capacidade cognitiva e ao mesmo tempo não deixa de desafiá-lo em sua autoidolatria. Tanto o conhecimento de Deus como o conhecimento do ser humano podem ser extraídos das Escrituras⁵³.

3.1.1.4 *O que essa passagem ensina sobre a morte e o futuro?*

Outra pergunta inquietante a qualquer cultura e sociedade de qualquer época diz respeito à morte e à vida futura. É inegável que todas as pessoas reagem a essa realidade, embora ao longo da história humana tenham assumido crenças e posturas diversificadas nessa questão.

Certamente a Bíblia não se cala a esse respeito. Pelo contrário, ela informa por que a morte existe, como Deus já lidou com ela em Jesus e o que é assegurado às pessoas que estão unidas ao seu Filho: ressurreição para a vida eterna. Porém, para aqueles que o rejeitam, ressurreição para a morte eterna. Assim, o sermão expositivo deve considerar o maior obstáculo comum a toda a humanidade: a morte física e,

⁵³ CALVINO, J. *A Instituição da Religião Cristã*, I, L. I e II. São Paulo: UNESP, 2008, p.38.

sobretudo, a morte espiritual. A partir daí, em Jesus Cristo é possível oferecer resposta de consolo e esperança a essa questão tão importante.

3.1.1.5 *O que essa passagem ensina sobre o conhecimento?*

Partindo do pressuposto bíblico de que Deus existe e se revela é possível que suas criaturas o conheçam de maneira salvífica nas Escrituras. O sermão expositivo tem a missão de oferecer não apenas conhecimento a respeito de Deus, mas conhecimento de Deus que atinge e transforma o coração⁵⁴. Para isso, no entanto, é necessário oferecer respostas coerentes e consistentes aos dilemas e problemas da realidade.

3.1.1.6 *O que essa passagem ensina sobre o que é certo ou errado?*

Se há oportunidades e pontos de contato em determinadas perguntas fundamentais, há em outras armadilhas que devem ser igualmente observadas. De fato, esse é o caso dessa questão.

Desde tempos antigos, muito do que se diz ser cristianismo é na verdade apenas idolatria da moralidade religiosa. Por causa do coração caído, rebelde e sedento por autonomia, é possível que até mesmo cristãos usem da Palavra de Deus como instrumento de autossalvação. Ou seja, há em cada sermão expositivo, ainda que não declaradamente, a expectativa tanto da igreja quanto do pregador sobre “o que eu tenho de fazer para ser aceito por Deus?”.

Desse modo, a correta tradução e adaptação cultural no exercício do sermão expositivo, especialmente aquele edificado sobre passagens que demandam obediência moral, mostrará tanto a incapacidade humana de salvar a si mesmo por meio da obediência quanto a graça ofertada em Cristo que viveu e morreu no lugar de pecadores. Ou seja, a busca de salvação por meio da idolatria da moralidade religiosa ou por meio da idolatria da imoralidade não representam o evangelho de Cristo. No evangelho, Cristo é o centro, não o ser humano. O sermão expositivo deve estar sempre fundamentado nessa verdade.

⁵⁴ PACKER, J. I. *O conhecimento de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, p. 23-29.

3.1.1.7 *O que esse texto ensina sobre o sentido da vida?*

A Teologia Bíblica descreve a história em três grandes partes: Criação, Queda e Redenção⁵⁵. Isso significa que existe uma metanarrativa bíblica que deve ser considerada em todo sermão expositivo. Ou seja, olhar para uma passagem específica e enxergar seus ensinamentos à luz de toda a revelação de Deus. Quando esse exercício é feito, a aplicação de um sermão expositivo é ampliada, mostrando sobretudo as pequenas histórias bíblicas como quadros de uma história maior e mais importante: a pessoa e a obra de Jesus Cristo.

Logo, perguntas sobre o valor e o sentido da existência humana devem ser respondidas com boa teologia bíblica, conduzindo os ouvintes a enxergarem suas próprias histórias também como parte de uma história maior. Esse exercício por si só já é pedagógico no sentido de combater o orgulho que faz o ser humano querer ser o centro do universo, além de apontar para que verdadeiramente o é.

3.1.1.8 *O que essa passagem ensina sobre os compromissos de fé?*

Por fim, questão igualmente importante na contextualização aplicada ao sermão expositivo é como as pessoas têm demonstrado os compromissos fundamentais de seu coração nas diferentes áreas de vida. Cada passagem bíblica ao mesmo tempo que revela a infinitude de Deus revela também o coração pecaminoso e disfuncional do ser humano. Ou seja, no sermão expositivo haverá espaço tanto para revelar a corrupção do coração humano quanto a graça ofertada através do evangelho de Cristo.

3.1.2 **Princípio 2: considera o contexto e a época**

Um sermão expositivo culturalmente contextualizado não negligenciará o exercício de compreender as particularidades da cultura a qual ele é proclamado. No entanto, identificar os aspectos de uma cultura específica não é mais importante do que identificar os aspectos da “cultura humana” – exposta em sua real condição pelas Escrituras Sagradas.

Nesse sentido a adaptação cultural e temporal do evangelho é importante no processo de contribuir para a compreensão de sua mensagem. Haddon Robinson

⁵⁵ PEARCEY, Nancy. *Verdade absoluta: libertando o cristianismo de seu cativo cultural*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 48-51

registrou alguns pontos que devem ser observados no sermão expositivo quando se leva em consideração aqueles que o ouvem⁵⁶.

3.1.2.1 *Procure entender o que não é natural ao seu ouvinte*

Um ensinamento bíblico que pode ser natural ao pregador não necessariamente o é ao seu ouvinte. Em outras palavras, seja empático às dúvidas e limitações da congregação. Às vezes as pessoas estão tentando se proteger da mensagem do evangelho não porque ela é ofensiva ao ego humano, mas porque seu transmissor é ofensivo em sua comunicação e falta de sensibilidade.

3.1.2.2 *Pense em figuras de sua congregação quando pregar*

Um exercício que ajuda a contextualizar o evangelho na prática do sermão expositivo é se lembrar dos rostos que estarão com os olhos fixos em você, pregador. Atrás de cada rosto há uma história de vida – medos, cicatrizes, anseios e expectativas sobre o futuro. Lembrar-se dessas diferentes pessoas ajudará na comunicação assertiva de como o evangelho pode valorizar ou desafiar seus pressupostos culturais.

3.1.2.3 *Use de ilustrações variadas para esclarecer o sermão*

Stuart Olyott, em sua obra *Ministrando como o mestre*, identifica três aspectos comuns à pregação de Jesus Cristo: explicação, ilustração e aplicação⁵⁷. Seguindo essa linha, ele ressalta a importância de, assim como Jesus, o pregador se valer de ilustrações do cotidiano das pessoas para esclarecer e evidenciar a explicação e a aplicação de conceitos bíblicos. Ilustrações culturalmente relevantes ajudam os ouvintes a gravar os pontos principais da exposição bíblica, o que realmente importa.

3.1.2.4 *Não faça concessões com a verdade*

Talvez a orientação mais importante seja: na contextualização não faça concessões com a verdade. O sermão expositivo extrairá muitas vezes verdades duras e incômodas ao coração pecaminoso, que ainda possui resquícios de autossuficiência. Diante disso, a tentação do pregador será suavizar a mensagem a fim de incomodar menos ou, até mesmo, tentar poupar sua imagem de um possível desgaste perante a congregação. Todavia, como o princípio do sermão expositivo é proclamar a verdade de Deus, caso essa verdade seja dolorida é melhor que doa.

⁵⁶ ROBINSON, Haddon e LARSON, Craig B. *Ibid.* p. 136-143.

⁵⁷ OLYOTT, Stuart. *Ministrando como o mestre*. São José dos Campos: Fiel, 2019, p.9-35.

Afinal, é a Palavra de Deus que produz real transformação e não a sabedoria do pregador em decidir o que deve ou não ser falado.

3.1.3 Princípio 3: usa linguagem simples e assertiva

Em toda a comunicação interpessoal o uso da linguagem é importante. Conceitos e ideais são compreendidos, ou não, através de uma comunicação assertiva e simples, ou da falta dela. No exercício do sermão expositivo não é diferente.

No entanto, nos esforços atuais de contextualização essa questão tem sido superestimada. Mais importante do que ser eloquente ou retoricamente habilidoso é ser claro no exercício da exposição – ainda que com palavras objetivas e simples. Em 1Coríntios 2.1-5, o apóstolo Paulo registrou essa verdade:

Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria. Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado. E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus.

Portanto, usar da contextualização como pretexto para ostentar habilidade retórica ou demonstrar erudição é ir contra os princípios que a própria Escritura estabeleceu para ela. A contextualização fiel e saudável descansa numa linguagem simples, objetiva e assertiva, apoiando-se não em sabedoria humana e sim no próprio poder de Deus que reside no evangelho.

3.1.4 Princípio 4: faz uso de argumentação e apelos fortes

O sermão expositivo culturalmente contextualizado se valerá de argumentos sinceros e coerentes com o texto bíblico para desafiar ou valorizar as características culturais. Isso nada tem a ver com o aumento do volume ou a entonação da voz do pregador e sim com a força argumentativa no exercício de extrair as incoerências, inconsistências e inquietudes do coração humano. Sobre isso Keller escreveu:

o sermão é maçante porque não aplica a verdade ao dia a dia e ao mundo dos ouvintes. Não relaciona as verdades bíblicas às esperanças, histórias, medos e erros das pessoas naqueles momentos e lugar específicos. Nem mesmo leva o ouvinte a *querer* que o cristianismo seja verdade. Em outras

palavras, o sermão deixa de contextualizar as verdades bíblicas aos ouvintes⁵⁸

A força argumentativa, portanto, está na demonstração da legitimidade da cosmovisão cristã, e cada texto das Escrituras, em qualquer um de seus livros, demonstram a sua inspiração, autoridade, inerrância, infalibilidade e suficiência.⁵⁹

⁵⁸ KELLER, Timothy. Ibid. p. 108.

⁵⁹ SPROUL, R.C. Ibid. p. 40. Edição do Kindle.

CONCLUSÃO

O sermão expositivo culturalmente contextualizado observará, independentemente da cultura ou época, princípios de cosmovisão que tangenciam a humanidade. Aspectos culturais e particularidades ocupam seu lugar nesse exercício de contextualizar o evangelho. No entanto, prender-se a eles é elevá-los em importância ao nível das Escrituras, o que não corresponde uma vez que o evangelho em essência é supracultural.

Esse trabalho procurou demonstrar que na contextualização do evangelho na pregação bíblica não é necessário a adesão cega a todas as novidades de entretenimento e adequações culturais do que é ser igreja na contemporaneidade. Na verdade, basta que o pregador busque conhecer a Palavra de Deus e ao mesmo tempo discernir o que a cultura a sua volta revela sobre o coração das pessoas que o ouvem semanalmente. Ou seja, como as pessoas em suas manifestações culturais têm expressado as mesmas dúvidas comuns à humanidade e como o evangelho oferece respostas satisfatórias a elas?

O trabalho de um sermão expositivo culturalmente contextualizado é esse: mostrar a pessoa, obra e ensino de Cristo, em cada parte da Escritura, como a verdade e o poder de Deus para as dúvidas e fraquezas inerentes ao coração humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGLADA, Paulo R. B. *Vox Dei: a teologia reformada da pregação. Fides Reformata*, São Paulo, v. 4, n. 1, 1999.
- BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2012.
- CALVINO, J. *A Instituição da Religião Cristã*, I, L. I e II. São Paulo: UNESP, 2008.
- CARDOSO, Dario A. *A Forma da Pregação Expositiva. Fides Reformata*, São Paulo, v. 23, n. 2, 2018
- CHAPPELL, Bryan. *Pregação Cristocêntrica*. São Paulo: Cultura Cristã, 3ª ed., 2016. Edição do Kindle.
- CLOWNEY, Edmund. *Pregando Cristo em toda a Escritura*. São Paulo: Vida Nova, 2021.
- COCCARO, Giuliano L. *Pregando num “mar de mudança”: contribuições a partir do conceito de contextualização de Newbigin. Fides Reformata*. São Paulo, v. 21, n. 2, 2016.
- GOLDWORTHY, Graeme. *Pregando toda a Bíblia como escritura cristã: a aplicação da teologia bíblica à pregação expositiva*. São José dos Campos: Fiel, 2013. Edição do Kindle.
- HELM, David. *Pregação expositiva: proclamando a Palavra de Deus hoje*. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- KELLER, Timothy. *Igreja centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

- KELLER, Timothy. *Pregação: comunicando a fé na era do ceticismo*. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- LEEMAN, Jonathan. *Word-centered church: how scripture brings life and growth to God's people*. Chicago: Moody Publishers, 2017.
- LIMA, Leandro Antonio de. *Razão da esperança: teologia para hoje*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006.
- LLOYD-JONES, David Martyn. *Pregação e pregadores*. São José dos Campos: Fiel, 2008. Edição do Kindle.
- MICHELÉN, Sugel. *Da parte de Deus e na presença de Deus: um guia para a pregação expositiva*. São José dos Campos: Fiel, 2018. Edição do Kindle.
- MOHLER Jr., R. Albert. *Deus não está em silêncio: pregando em um mundo pós-moderno*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2011. Edição do Kindle
- OLYOTT, Stuart. *Ministrando como o mestre*. São José dos campos: Fiel, 2019.
- OLYOTT, Stuart. *Pregação pura e simples*. São José dos Campos: Fiel, 2021. Edição do Kindle.
- PACKER, J. I. *O conhecimento de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.
- PEARCEY, Nancy. *Verdade absoluta: libertando o cristianismo de seu cativeiro cultural*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- PIPER, John. *Exultação expositiva: a pregação cristã como adoração*. São José dos Campos: Fiel, 2019. Edição do Kindle.
- ROBINSON, Haddon e LARSON, Craig B. *A arte e o ofício da pregação bíblica: um manual abrangente para os comunicadores da atualidade*. São Paulo: Shedd Publicações, 2009.
- ROBINSON, Haddon W. *A pregação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 1983.

- ROBINSON, Haddon W. *Pregação bíblica: o desenvolvimento e a entrega de sermões expositivos*. São Paulo: Shedd Publicações, 2002.
- SIRE, James W. *O universo ao lado: um catálogo básico sobre cosmovisão*. Brasília: Editora Monergismo, 2018, p. 25.
- SPROUL, R.C. *Somos todos teólogos: uma introdução à teologia sistemática*. São José dos Campos: Fiel, 2017, p. 49. Edição do Kindle.